

PREVALÊNCIA DE INCONTINÊNCIA URINÁRIA EM IDOSOS ATENDIDOS EM UM SERVIÇO DE URGÊNCIA/EMERGÊNCIA

Mário Gilberto Jesus Nunes; Sulamita de Paula Santos; Mariluci Haustch Willig; Luciana Aparecida Soares de Andrade; Gisele Cristina de Campos Cruz.

Introdução: O envelhecimento populacional é um fenômeno mundial e, no Brasil as modificações se dão de forma radical e bastante acelerada. As projeções mais conservadoras indicam que em 2020 o Brasil será o sexto país do mundo em número de idosos⁽¹⁾. Esse cenário populacional exige, dos serviços de saúde, a construção de um novo olhar sobre o cuidado, considerando que a saúde do idoso é determinada pelo desempenho de quatro domínios funcionais, que são a cognição, humor, mobilidade e comunicação. Quando o idoso perde alguma dessas funções resulta nas grandes síndromes geriátricas. A Incontinência urinária é uma delas. Segundo a Sociedade Internacional de Continência (*International Continence Society - ICS*), a incontinência urinária é definida pela queixa de qualquer perda involuntária de urina, capaz de provocar desconforto social e higiênico e é quase sempre erroneamente interpretada como parte natural do envelhecimento⁽²⁾. Estudos populacionais têm demonstrado que a prevalência de disfunções do assoalho pélvico (DAP), que incluem a incontinência urinária (IU), incontinência anal (IA) e o prolapso genital (PG), aumentam de acordo com a idade e com as comorbidades apresentadas. Essas condições têm grande impacto negativo sobre a qualidade de vida (QV), afetam o contato social, a atividade laborativa, a higiene e a vida sexual das mulheres⁽³⁾. A prevalência da IU, varia de acordo com o tipo de estudo e a população estudada. Diante deste panorama, este estudo permitiu conhecer a prevalência de IU e sua epidemiologia, desta forma contribuindo para o desenvolvimento de ações para a sua prevenção e direcionando o tratamento a esta população quando o agravo já está instalado com vistas a atender essa crescente demanda.

Objetivo: Identificar a prevalência de incontinência urinária em idosos atendidos em um serviço de urgência/emergência. **Metodologia:** Estudo quantitativo, realizado na emergência de um hospital referência no atendimento de idosos no Paraná. A coleta de dados foi realizada no mês de dezembro de 2016, por meio

do levantamento de informações sociodemográficas e clínicas, nos prontuários dos pacientes atendidos no ano de 2015. A amostra foi composta por 1.644 atendimentos. Os resultados foram submetidos a análise estatística descritiva. O presente estudo é um recorte do projeto de pesquisa do Curso de Mestrado Profissional em Enfermagem, da Universidade Federal do Paraná, intitulado “A Gestão do Cuidado Gerontológico do Idoso Atendido em um Serviço de Urgência/Emergência”, aprovado pelo Comitê de Ética do Setor de Saúde da Universidade Federal do Paraná, sob o parecer nº 1.574.209. **Resultados:** A amostra foi composta por 1.644 atendimentos de ambos os sexos, com idade de 60 anos ou mais. Desses, 949 era do sexo feminino (57,7%) e 695 sexo masculino (42,2%). A maior parte dos pacientes 996 (60%) utilizava algum tipo de dispositivo de contenção para incontinência. Destes, 529 (53%) faziam uso de fralda, 377 (37,8%) utilizavam cateter vesical de permanência (CVP) e 90 (9%) utilizavam apenas CVP. Em relação a mobilidade, 305 pacientes apresentavam mobilidade prejudicada, desses 232 deambulavam com algum tipo de auxílio e 73 eram restritos ao leito. Apenas 65 pacientes (3,95%) tinham IU como diagnóstico médico, sendo 40 do sexo feminino (61,5%) e 25 do masculino (38,46). As comorbidades mais frequentes desses pacientes com diagnóstico médico de IU foram: hipertensão arterial sistêmica – HAS 47 pacientes (72,31%), IRC 47 (72,31%), seguida por DPOC e IC, ambas com 11 pacientes cada perfazendo (16,92%). **Discussão:** A IU tem origem multifatorial e é um agravo que acomete grande parte da população idosa podendo causar grande impacto socioeconômico. No presente estudo a prevalência de IU foi de 60%, com predomínio no sexo feminino (61,5%). O resultado obtido assemelha-se aos resultados obtidos em outros estudos publicados. Estudo realizado com idosos em uma instituição de longa permanência em Araranguá/SC em 2015 sobre prevalência de IU, evidenciou que aproximadamente 50% dos idosos institucionalizados sofrem perda de urina e atribui essa perda à diversos fatores como, tratamento farmacológico, nutrição, comorbidades, redução da mobilidade, dependência funcional, entre outros. A maior prevalência foi do sexo feminino, representado 77,7% dos participantes⁽²⁾. Em um estudo realizado com a população urbana na cidade de Pouso Alegre/MG, a prevalência de IU foi de 20,1% na população geral, 32,9% entre as mulheres e 6,2% entre os homens⁽⁴⁾. Estima-se que a prevalência da IU pode chegar a 30% em mulheres entre 50 e

89 anos, com pico entre 60 e 69 anos, alcançando 42,1% a cada 10.000 mulheres⁽⁵⁾. Sabe-se também que a perda urinária, bem como o uso de dispositivos para sua contenção, são fatores contribuintes para a institucionalização do idoso. Este agravo pode potencializar o surgimento de infecções urinárias, além de ser oneroso para os familiares e instituições de saúde. **Conclusão/Contribuições para a Enfermagem:** O presente estudo permite evidenciar a imprescindibilidade de se repensar a gestão do cuidado gerontológico nos serviços de saúde. Os enfermeiros tem importante papel no gerenciamento do cuidado a essa população, haja vista que além da dimensão do cuidado, atua também nas dimensões da gerência, ensino e pesquisa. É necessário que estes profissionais estejam aptos e capacitados para atender as especificidades do idoso, e através da sistematização da assistência de enfermagem delimitar diagnósticos, implementar e executar ações de modo a propiciar a melhor assistência durante a oferta do cuidado a essa crescente demanda. Faz-se necessário que a qualidade de vida destes idosos acompanhe o desenvolvimento tecnológico, no qual assegurar ao idoso o controle de suas funções fisiológicas preservadas é dar-lhes este sentido de qualidade e bem-estar.

Referências:

1. Lima TJV, Arcieri RM, Garbin CAS, Moimaz SAS. Humanização na atenção à saúde do idoso. *Saúde Soc* [Internet] 2010;19(4) [acesso em 10 abr 2017]. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v19n4/13.pdf>.
2. Quadros LBde, Aguiar A, Menezes AV, Alves EF, Nery T, Bezerra PP. Prevalência de incontinência urinária entre idosos institucionalizados e sua relação com o estado mental, independência funcional e comorbidades associadas. *Acta Fisiatr.* [Internet] 2015;22(3) [acesso em 10 abr 2017]. Disponível: <http://www.revistas.usp.br/actafisiatr/article/view/114520>.
3. Faria CA, Menezes AMN, Rodrigues AO, Ferreira ALV, Bolsas CNB. Incontinência urinária e noctúria: prevalência e impacto sobre qualidade de vida em idosas numa Unidade Básica de Saúde. *Rev. Bras.Geriatr. Gerontol.* [Internet] 2014;17(1) [acesso em 12 mai 2016]. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S180998232014000100017&script=sci_abstract&tlng=pt.

4. Santos C R S, Santos V L C G. Prevalência da incontinência urinária em amostra randomizada da população urbana de Pouso Alegre, Minas Gerais, Brasil. Rev Latino-Am. Enfermagem. [Internet] 2010;18(5) [acesso em 10 abr 2017]. Disponível: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v18n5/pt_10.pdf.

5. Vasconcelos CTM, Frota IPR, Bezzerra LRPS, Costa MKN. Disfunção do assoalho pélvico: um desafio interdisciplinar. In Bezzerra LRPS, Neto JAV, Vasconcelos CTM, Augusto KL, Karbage SAL, Frota IPR. Temas em uroginecologia: manual prático em uroginecologia e disfunções do assoalho pélvico para profissionais da área da saúde. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.p. 21.

Descritores: Enfermagem em Emergência; Enfermagem Geriátrica; Incontinência Urinária.

Eixo 1: O Cuidado de Enfermagem e as diferentes maneiras de envelhecer